

■ **Pelos caminhos da ficção e da História:  
entrevista com Ana Miranda**

**SUSANA SOUTO SILVA**

Doutora em Estudos Literários, professora  
e pesquisadora da Faculdade de Letras, da  
Universidade Federal de Alagoas, onde atua na  
graduação e na pós-graduação.



A reflexão sobre as complexas relações entre literatura e História no Brasil encontra muitos caminhos na produção de Ana Miranda, uma artista múltipla, que já publicou vinte títulos, distribuídos em vários gêneros: poesia, romance, conto, novela, crônica, antologia, narrativa infantil, memória.

Essa escritora cearense, herdeira de José de Alencar e Capistrano de Abreu, estreou na literatura em 1978, com o livro de poesia *Anjos e demônios*, ao qual se seguiu *Celebrações do outro* (1983). Mas foi sua estreia no romance, em 1989, com *Boca do inferno* – prêmio Jabuti 1990, sucesso de público e de crítica, traduzido para diversas línguas – que projetou e consagrou seu nome como um dos mais importantes da literatura contemporânea brasileira. Em seu primeiro romance, Ana Miranda transforma Gregório de Matos e Pe. Antônio Vieira em personagens, assim como ocorre em *A última Quimera* (1995), com Augusto dos Anjos e Olavo Bilac, entre outros; em *Clarice* (1996), com Clarice Lispector; em *Dias & Dias* (2002), prêmio Jabuti 2003 e prêmio da Academia Brasileira de Letras 2003, com o poeta romântico Gonçalves Dias, e oferece aos seus leitores, a partir de cuidadosa pesquisa, narrativas sofisticadas que misturam crítica literária, historiografia e biografia.

Em *Desmundo* (1996) e *Yuxin* (2009), que vem acompanhado do cd *Yuxin, Alma*, feito para o livro por sua irmã, a compositora, pesquisadora e intérprete Marlui Miranda, Ana enfrenta o desafio de escrever a partir de linguagens distantes do seu cotidiano, seja na retomada da língua portuguesa do século XVI, no primeiro, seja na reconstrução ficcional do universo indígena, no segundo. Há em sua obra trânsitos por distintos espaços, detalhadamente reconstruídos em moldura ficcional, tais como a cidade de São Paulo dos imigrantes libaneses do início do século XX, em *Amrik* (1997); o Rio de Janeiro do mesmo período, em *Dias & Dias*; ou do final do século XX, em *Clarice*; a Bahia do século XVII, em *Boca do inferno*; a capital do Brasil, em *A flor do cerrado*:

*Brasília* (2004). Esses trânsitos são similares aos vividos pela autora, que nasceu em Fortaleza, mudou-se ainda criança para Brasília, onde o pai engenheiro trabalhou na construção da cidade, e morou também muitos anos no Rio de Janeiro e em São Paulo. Por gêneros literários, tempos e espaços, a autora de *O retrato do rei* (1991) nos convida a fazer viagens que nos revelam inusitadas paisagens, personagens, tramas.

Em meio à finalização do seu livro sobre Xica da Silva, que será lançado ainda em 2012, e ao trabalho de adaptação cinematográfica de *Boca do inferno*, Ana Miranda nos concedeu esta entrevista, na qual fala dos diálogos entre ficção e historiografia, em seu delicado e dedicado labor literário.

*Susana Souto: – Em vários dos seus livros, você transita por diversas artes e áreas do conhecimento, embaralhando gêneros, como crítica literária, biografia, ficção, historiografia. Para Mikhail Bakhtin, essa mistura é constitutiva do romance, que nasce da incorporação crítica dos gêneros que o precedem. O romance é o melhor lugar para fundir vários gêneros, permitindo que você seja, ao mesmo tempo, romancista, poeta, contista, cronista, crítica, artista plástica (já que, muitas vezes, você faz os desenhos das capas e do interior do volume)?*

Ana Miranda: – Sim, o romance é o melhor lugar para essa fusão de gêneros, pois tem um compromisso realístico, ou seja, ele finge que tudo aquilo que apresenta é realidade, e assim como a realidade é polimorfa também o romance é polimorfo, em que tudo cabe: a ação, o diálogo, o devaneio, a descrição, a história, a trama, o passado, o personagem, a poesia, a racionalidade... Por isso, é chamado de “o gênero imperfeito”. Borges se recusava a escrever romances, preferia o pequeno conto e a poesia, gêneros que permitem um trabalho mais minucioso de construção e linguagem. Para mim o romance é o gênero ideal, pois nasci com um temperamento versátil.

*Susana Souto: – Na ficção, os textos são deslocados do estatuto de verdadeiros e ressignificados em uma moldura ficcional, liberdade que você postula em seus romances e também em textos críticos, como “Entre a imaginação e a verdade”. No entanto, é perceptível que você tem um delicado cuidado com os dados históricos na recriação da linguagem. É aí, na construção da linguagem das personagens situadas em outras épocas, que você encontra mais possibilidades de diálogo entre ficção e historiografia?*

Ana Miranda: – Exatamente, sua observação é perfeita. A ficção e a História dialogam por meio da linguagem. É a linguagem que guarda o tempo, ela é aprisionada pelo tempo. As palavras, expressões e frases fazem o transporte através do tempo, assim como um som, um perfume, ou o sabor de uma *madeleine*. Mas as palavras nos dão consciência a respeito desse sentimento de transporte. Então, o que eu preciso trabalhar e o que gosto de trabalhar é a linguagem, eu trago o tempo que está aprisionado nas palavras e expressões antigas, rebordo o meu texto, e ele faz o transporte temporal. E, afinal, estamos falando de uma arte feita de palavras, a arte da palavra. Tudo se processa por meio de palavras.

*Susana Souto: – O Ceará deu ao Brasil seu primeiro romancista de destaque, José de Alencar, e também um grande historiador, Capistrano de Abreu. Em que medida você se sente herdeira desses dois artífices da palavra que transitaram pela fronteira tênue entre ficção e História?*

Ana Miranda: – Pertencço à família literária de Alencar, ele abriu uma vertente na literatura brasileira que carrega ainda hoje a missão do romantismo, compromissada com o americano em vez do europeu, com o indígena, o africano, o sertanejo, o selvagem, com essa cultura de raiz, telúrica, voltada para a natureza, tentando discernir um rosto brasileiro. O auge dessa vertente é Guimarães Rosa, eu acredito, com seu sertão metafísico e suas percepções da natureza sertaneja. Já o Capistrano de Abreu tem sobre

mim uma influência menos profunda, porém mais direta. A partir de um vocabulário indígena kaxinawa que ele recolheu e publicou, escrevi meu mais recente romance, o *Yuxin*. O vocabulário se compõe de umas setecentas páginas com frases ditadas por dois índios do Acre, e traduzidas literalmente, na mesma ordem sintática, uma fonte deslumbrante para um romancista, pois transmite, além das sonoridades e significados, o ritmo e a arquitetura da fala.

*Susana Souto: – Como ocorre a escolha do escritor a ser transformado em personagem central dos seus romances? Quais os autores que você planeja levar para um romance?*

Ana Miranda: – Essas maquinações mentais são tão complexas que é impossível se determinar um só aspecto, uma só causa. Por exemplo, Gregório de Matos me veio através de um sonho, mas tive muitos outros sonhos que não se transformaram em romances. Alguns sonhos nascem de livros, de leituras, como um sonho que tive com o padre Vieira, quando eu estava lendo os textos instrumentais de Vieira. Mas há algum filtro pessoal, uma predisposição para um tema, que talvez exista a partir de nossa memória, e não apenas a nossa memória pessoal, mas a memória universal, o que cada um de nós consegue discernir dela. A escolha do livro tem muita relação com o inconsciente, e o inconsciente coletivo, por isso alguns escritores dizem que não escolhem o livro, mas são escolhidos por ele. Racionalmente falando, o que mais me atrai num autor é o que ele representa como fonte linguística, ou seja, o quanto ele pode me fornecer de material para eu construir uma dicção. Isso independe de sua biografia, embora eu tenha verdadeira admiração por todos os que tornei protagonistas de meus romances (Gregório, Vieira, Augusto dos Anjos, Gonçalves Dias, Clarice). Ainda tenho vontade de me relacionar com outros escritores e poetas, mas não gosto de falar, é algo secreto e incerto.

*Susana Souto: – Você estreou no romance com Boca do inferno, 1989, que foi e ainda é um grande sucesso de público e de crítica. Eu gostaria que você falasse acerca da leitura de obras literárias tão vastas e distintas, que você incorpora de maneira magistral na tessitura dessa narrativa, como os poemas fesceninos, satíricos e amorosos de Gregório de Matos e a sermonística de Pe. Antônio Vieira.*

Ana Miranda: – As obras desses dois monumentos literários, Vieira e Gregório, são entrelaçadas a tal ponto que Gregório chega a transcrever um discurso de Vieira, numa sátira aos sebastianistas, e termina dizendo que “em prosa o compôs Vieira, traduziu em versos Matos”. São obras unidas pela contemporaneidade, pela realidade literária, física, social, geográfica de ambos, pelos sofrimentos que ambos passaram na violenta vida colonial brasileira. Um vê a partir da janela; o outro, a partir do céu; um é uma visão carnal e o outro, a espiritual, mas veem o mesmo mundo no mesmo tempo. Ainda assim foi difícil harmonizar essas linguagens, mas simplesmente porque tudo é difícil quando se quer fazer bem feito, ainda mais na literatura, que é tão subjetiva e pessoal e infinitamente aberta.

*Susana Souto: – Ainda acerca de Boca do Inferno, foi uma surpresa perceber que um romance sofisticado, com personagens complexos, baseados em autores de um período distante do nosso, o século XVII, atingisse um público tão vasto e gerasse polêmicas similares às que a obra de Gregório provocou?*

Ana Miranda: – Eu costumo dizer, numa brincadeira de *enjambement*, encadeamento, que, quando eu estava escrevendo o *Boca do Inferno*, achava que nunca ia terminar o romance; se terminasse, nunca ia publicá-lo; se o publicasse, não ia haver lugar para ele nas livrarias; se houvesse lugar nas livrarias, ninguém ia comprá-lo; se alguém o comprasse, não ia lê-lo; e, se alguém o lesse, não ia gostar e, se gostasse, eu nunca ia ficar sabendo... Essa

era a minha expectativa, e é a expectativa do novo autor. Escrevi esse romance só para mim, ela não ia ser lido por ninguém. Essa é uma das maiores qualidades dele. A polêmica sobre a obra de Gregório é quanto à autoria dos poemas. Será preciso fazer um estudo minucioso, muito difícil, de autoria. Mas o romance *Boca do Inferno* tem autoria declarada, e as citações estão claras no texto.

*Susana Souto: – Desmundo, de 1996, tem uma linguagem exuberante; simultaneamente, fala-nos e é a fala de um tempo em que a língua era muito distinta do que é hoje. Como foi escrever no português da época e trazê-lo para a contemporaneidade? Que material historiográfico e literário você pesquisou para compor a narrativa e sua linguagem?*

Ana Miranda: – Foi árduo o trabalho para eu encontrar a dicção da narradora – a personagem Oribela, uma jovem portuguesa do século XVI que chega ao Brasil numa leva de órfãs da rainha de Portugal, vindas a pedido do Pe. Manoel da Nóbrega. Precisei incorporar a fala arcaica até ela se tornar natural para mim, e essa incorporação foi feita pela leitura incessante de textos da época, eu chegava a digitar longos trechos para acostumar meus gestos construtivos a uma construção arcaica. Houve um momento em que eu levava adiante seis versões diferentes de narrativa, mas aos poucos eu fui abandonando uma, outra, até que consegui encontrar a fala mais adequada. Também foi difícil tomar como natural a beleza daquela expressão, e não me deixar levar pelos encantos das frases e palavras nas minhas fontes. A fonte primordial foi *Peregrinação*, de Fernão Mendes Pinto, em que ele faz relatos de viagens quase inacreditáveis, absurdas, parecendo sonhos ou pesadelos.

*Susana Souto: – Em A última quimera (1995) e Dias & Dias (2002), o leitor tem papel fundamental. É um leitor não nomeado de Augusto dos Anjos e uma leitora de Gonçalves Dias, Feliciano, que assumem a função*



*de narrar, nos romances citados, respectivamente. Há muito de Ana Miranda leitora nessas personagens? Você memoriza poemas de seus autores preferidos, como nas linhas iniciais de A última quimera declara o narrador: “Sei de cor todos os versos de Augusto dos Anjos, posso recitar cada um deles de frente para trás e de trás para frente” (p. 13)?*

Ana Miranda: – Eu não decoro nada, nem minhas próprias poesias, não sei mais de quatro ou cinco poemas de cor, mas acho tão bonito quando alguém sabe de cor toda uma obra, como tantas pessoas sabem a obra de Augusto... uma vez conheci um jovem português que sabia *Os Lusíadas* de cor, na íntegra! Saber de cor é uma arte especial, que não tem a ver com a leitura, é mais uma arte de interpretação. Mas vejo tantos meus colegas escritores com uma memória realmente admirável, citando Shakespeare em inglês arcaico, ou longos trechos da *Odisseia*, ou frases perfeitas para cada momento... admiro-os, mas não faço nenhum esforço para decorar citações, é como querer ganhar na loteria sem jogar.

*Susana Souto: – Como foi acompanhar a adaptação de Desmundo para as telas por Alain Fresnot, em 2003, para você que atuou em Como era gostoso o meu francês, de Nelson Pereira dos Santos (1971)? Fale um pouco sobre essas duas experiências: na frente das câmeras e atrás das câmeras.*

Ana Miranda: – Eu não fui atriz do filme, apenas eu era casada com um dos atores e estava acompanhando-o, mas me envolvi de diversas maneiras, gosto de participar, e eu ajudava a fazer as pinturas corporais, e outras coisas, acabei fazendo uma pequena figuração como índia, talvez apareça em um ou dois segundos no filme. Mas foi uma experiência marcante para mim, pois a convivência com Nelson Pereira dos Santos é intensamente frutífera, ele me passou todo um universo ideológico e artístico que vinha ao encontro de minha formação em Brasília, em escolas fundamentadas por Darcy Ribeiro e Aníbal

Teixeira. E essa experiência tem relação com a escrita de *Desmundo*. O romance talvez tenha nascido ali, naquelas matas de Paraty, quando eu lia os livros trazidos da biblioteca da UnB, e adotados pelo Nelson para os fundamentos do filme. Eram o livro de Hans Staden, o de Jean de Léry e *Tristes trópicos* do Lévi-Strauss. E eu via a vida indígena de perto. E via como aquele material se transformava em arte.

*Susana Souto: – Como é sua relação com Rubem Fonseca, a quem você dedica o Boca do Inferno e cita como inspiração para o título de Dias & Dias?*

Ana Miranda: – O Rubem Fonseca acompanhou de certa maneira a feitura do *Boca do Inferno*, dando apoio, dizendo sempre, “É assim mesmo! Trabalho, trabalho e trabalho!”. Talvez graças a ele eu nunca tenha desistido do livro, porque foi um processo longo, foram dez anos de tentativas e encontros e desencontros, e desesperos e angústias. Ele mesmo dizia, “O primeiro livro é escrito com sangue”. No caso de *Dias & Dias*, o título de meu romance nasceu de uma poesia de Rubem Fonseca, inédita, que se chama “Dias após dias”. Era uma poesia sobre Gonçalves Dias e suas decepções amorosas, e fiquei impressionada quando o Rubem Fonseca me disse que tinha descoberto as decepções amorosas de Gonçalves Dias em seus poemas, pois eu tinha lido os poemas de Gonçalves Dias e nunca ficara sabendo sobre a sua vida amorosa. Isso me chamou a atenção para a leitura do autor através da obra, que eu nunca tinha feito, pelo menos conscientemente. Nessa nova leitura que fiz, nasceu a ideia do romance.

*Susana Souto: – Seu mais recente projeto concentra-se em Xica da Silva, que rompeu diversas normas de conduta do seu tempo e cuja vida se confunde com a história da escravidão e da mulher no Brasil. Como foi planejar e realizar essa viagem no tempo e no espaço e selecionar o material para compor a sua Xica da Silva?*

Ana Miranda: – Na verdade, *Xica da Silva* não é um projeto meu, mas do historiador e jornalista Eduardo Bueno, que planejou uma coleção de pequenas biografias de diversas personagens históricas, e me convidou a fazer a *Xica da Silva*. Mas aceitei porque sempre achei a Xica fascinante, e sua figura vem sendo enriquecida pelo tempo, pelos historiadores, pela descoberta de documentos, pela averiguação de costumes daquela região diamantífera, onde se instalou uma das mais violentas sociedades coloniais brasileiras. Tanto a Xica como o seu entorno são temas fascinantes. Mas meus projetos são todos de ficções.

*Susana Souto: – Entre todos os seus livros, é possível escolher um que lhe deu mais prazer? Há uma personagem preferida? Qual seria?*

Ana Miranda: – Tenho alguns livros que descartei, uns por não gostar, outros por achar que não se encaixam mais na obra. Vejo o meu trabalho como um quebra-cabeça e as peças precisam se encaixar. Considero que, enquanto eu estiver viva, a minha obra é aberta. E vou fazendo mudanças. Acho que gosto mais do *Desmundo*, não que me tenha dado prazer ao escrevê-lo, a escrita é um processo que mistura prazer e dor, mas porque eu acho que ele registra o momento em que me libertei. Nos livros anteriores eu me sentia presa à construção clássica do romance. Estou sendo injusta com o *Boca do Inferno*, que é até hoje o meu livro preferido pelos leitores, me sustenta financeiramente, e é ele quem leva o estandarte do meu trabalho. Estou agora trabalhando em sua adaptação para o cinema, relendo-o muitas vezes, e reconheço que ele é muito feliz em suas escolhas. Sobre meus personagens, os de quem gosto mais são, mesmo, os meus colegas escritores. Gosto do Outro.

[Recebido em 30 de julho de 2012  
e aceito para publicação em 30 de julho de 2012]